

## RECONSTRUINDO UM MUNDO LÚDICO

\* SILVINO SANTIN

### 1. O HUMANO DO HOMEM

Nos tempos de crises culturais a imagem do homem é a primeira a ficar abalada. O homem sente-se perdido e em perigo. No centro dos grandes conflitos que marcam a nossa civilização científica e tecnológica, a compreensão do homem tornou-se uma temática que preocupa a todos os humanistas conscientes. E a compreensão do homem começa pela tentativa de redimensionar o sentido de humano. Definir o humano do homem constitui-se na tarefa prioritária de superação da crise. Não se trata de um movimento isolado, ele está profundamente vinculado à filosofia dos movimentos alternativos e das iniciativas ecológicas. As crises abrem espaços para outras possibilidades de soluções. A ecologia, em última instância, é uma proposta antropológica nova. RAPPAPORT (s/d) fala em antropologia ecológica e em ecologia humana. De fato, a ecologia, diante das devastações e agressões contra a natureza, procura restaurar as harmonias naturais. Diante das imensas injustiças e violências, diante da fome e da miséria, o homem contemporâneo sente-se ameaçado e se pergunta pelo sentido do humano. Qual seria, porém, a dimensão humana capaz de devolver a humanidade do homem ou capaz de construir uma comunidade de vida?

Neste contexto de conflitos e de perplexidades diante de si mesmo, o homem inicia uma reflexão sobre os valores humanos. Os primeiros esforços desta reflexão são inspirados por uma série de denúncias contra as situações anti-humanas que apontam para uma destruição do humano. O homem mostra-se irreconhecível. O livro, *Der Abbau des Menschlichen - A Demolição do Humano* - de LORENZ, entre outros trabalhos, constitui-se numa poderosa denúncia das barbaridades cometidas em nome do homem e, ao mesmo tempo, é uma vigorosa

---

\* PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA/CCSH/UFMS.

proclamação de otimismo na recuperação do sentido do humano.

Mas o que se deve entender quando se fala em humano? O termo humano, sem dúvida, tem um alcance semântico muito maior do que um simples predicado do homem. Ele significa aquilo que caracteriza e identifica o homem. O que equivale dizer que só é possível saber quem é o homem se chegarmos a estabelecer o significado do humano. Falar em humano, portanto, é atingir o cerne de toda temática antropológica. Quando uma civilização se torna uma ameaça para o homem significa que os valores humanos perderam o sentido de humano. Inicia-se, assim, um esforço de recuperar o humano. O sentido de humano está no passado, ou deverá ser uma nova proposta de humano. A questão não é nova e nem original. Pelo contrário, trata-se de um problema que acompanha o homem desde suas origens. Segundo LEROI-GOURHAN (1964), a curiosidade do homem na pesquisa de suas origens esconde, no fundo, o desejo de desvendar sua própria imagem, isto é, saber o que constitui como ser humano, diferente dos seres vivos.

A questão não está sendo resolvida, mas relançada a cada nova crise que se abate sobre o homem. Talvez seja exatamente este trabalho de, continuamente, ter que redefinir seu próprio sentido que constitui o processo de humanização. Por isto pode-se dizer que as explicações ou interpretações do humano são relativas e provisórias, dependem de todo um contexto sócio-cultural. O sentido do humano não foi dado ao homem, mas precisa ser construído.

Sempre que se tenta redefinir o homem, procura-se distingui-lo dos outros seres vivos. Isto que o distingue dos outros, costuma-se chamar de elemento específico humano. Desta maneira o humano é a dimensão que transcende os limites da animalidade ou da vida biológica: o animal é sempre apontado como um ser completo, plenamente realizado. Nele tudo já está determinado. Cada ser vivo reduz-se a seus recursos biológicos. Tudo já vem programado geneticamente. O homem, ao contrário, é entendido como o ser que não está pré-determinado e nem plenamente constituído. Ele pode ditar indefinidamente os horizontes de seu mundo. Sua imagem não lhe é dada, mas precisa ser delineada. Esta situação seria a característica do ser humano. O desafio consiste em saber traçar uma imagem humana do homem. Mas qual seria o sentido de humano capaz de dar ao homem uma

vida verdadeiramente humana? As diferentes culturas nada mais são do que respostas a esse desafio.

Os estudos antropológicos revelam que o sentido de humano difere de época para época e de cultura para cultura. Surgiram múltiplas e contraditórias imagens de homem. Tais divergências dependem dos valores assumidos pelo grupo. Simplificando a questão, podemos limitar as fontes de inspiração do humano em duas: uma divina e outra racional.

Baseado na compreensão divina do mundo, o homem ficou plenamente humano graças a um elemento divino ou a uma força espiritual. Tal compreensão começa com o sopro de Javé na tradição bíblica ou com a centelha de fogo roubada de Zeus, até alcançar os conceitos de espírito ou alma das teologias contemporâneas. O homem atinge o estágio humano por ser portador de uma vida superior que lhe garante uma supra-vida além da morte. O homem verdadeiramente humano é aquele que conduz sua existência dentro dos princípios da espiritualidade.

Outra maneira de definir o humano do homem consiste em vinculá-lo à natureza. O homem herdou da natureza uma capacidade superior que o distingue dos demais seres vivos. Esta capacidade foi definida como sendo a possibilidade de raciocinar. O homem é humano porque é portador da razão. A racionalidade torna-se o parâmetro para medir a humanidade do homem.

A civilização ocidental reuniu as duas dimensões: a da razão e a do espírito. O homem, além de sua dimensão corpórea, é dotado de razão e de espírito. Desta maneira se dá a plenitude da humanização. Acontece que nem os aspectos espirituais nem os racionais foram suficientemente definidos para garantir ao homem uma existência verdadeiramente humana. Os conflitos não desapareceram. Muitas injustiças foram cometidas em nome da racionalidade e mesmo com o aval da religiosidade do homem.

Estes fatos interpretados antropológicamente mostram que o sentido de humano emerge de um contexto sócio-cultural. O homem não nasce humanamente definido. Sua imagem é uma construção humana. Por isto podemos dizer com LORENZ (1986) que "o homem é tão-somente um elo efêmero na cadeia dos seres vivos; há razões para supormos que ele representa um estágio evolutivo no caminho para seres verdadeiramente humanos" (p. 215).

## 2. SISTEMA DE SIGNIFICAÇÕES

Um homem torna-se humano dentro da dimensão de sentido. O sentido consiste nos valores criados pelo homem a partir dos quais ele instaura um sistema de significações. O homem saindo de seus limites biológicos consegue perceber outras dimensões do universo, do mundo que o rodeia e dos fenômenos da natureza. Não está mais restrito à compreensão das coisas e de si mesmo dentro das necessidades e dos limites biológicos. O homem descobre que os elementos da natureza podem ter outros significados e podem ser vistos de outra maneira. Tudo pode ser transformado em símbolo e significar os valores que o homem cria e sente. É assim que se delinea a imagem do mundo e do homem. No dizer de CASSIRER (1977), o homem torna-se "um animal simbolizador". E CASTORIADES (1975) fala na instituição imaginária da sociedade.

A função simbólica faz com que o homem descubra que sua ação não é apenas a expressão de necessidades orgânicas, que seus desejos não são meras manifestações biológicas. Seus movimentos tornam-se gestos, linguagem. Ele descobre que pode sonhar, imaginar e fantasiar. O sol, a lua, os astros não são simples objetos, tornam-se valores divinos. Os fenômenos da natureza não são apenas fatos físicos, mas hierofonias - manifestações do sagrado. O homem percebe que tem sentimentos de medo, de prazer, de angústia, de amor ou de ódio. Ele descobre que pode viver em dimensões que ultrapassam suas necessidades físicas.

A partir destas descobertas o homem começa a construir os valores que constituem o seu mundo humano. Aos poucos a multiplicidade de sentimentos e de valores vão sendo sistematizados em torno de um sentido global. As diferentes dimensões de sentido centram-se numa direção maior. Desta maneira instaura-se um sistema de significações. O primeiro grande sistema de significações construído pelo homem coloca-se dentro de uma visão mágico-religiosa do universo. O mundo é criado e governado por seres superiores divinos. O próprio homem tornou-se humano por uma intervenção direta de Deus, privilegiando-o entre todos os seres vivos e tornando-o uma criatura com a imagem e semelhança da Divindade. A paisagem humana torna-se teocêntrica. Tudo está vinculado, tudo é explicado a partir da dimen-

são religiosa. O humano do homem está no valor espiritual de sua vida. Sua perfeição está na vivência de Deus.

A visão mágico-religiosa traduziu-se nas formas do animaismo, do politeísmo, do monoteísmo ou do panteísmo. O sentido de divino não é unívoco. Mas o que importa é que o sistema de significações adotado pelo grupo cultural tinha como centro do mundo humano e do universo o valor da divindade. As hierofanias constituíam-se nos grandes eventos que marcaram a história da humanidade.

O segundo grande sistema de significações está vinculado à idéia de racionalidade. O homem deslocou Deus do centro do sistema. O novo centro é o próprio homem, mais especificamente a razão humana. O homem é um ser racional. O mundo está ordenado racionalmente. Assim toda a ordem humana deve construir um sistema de significações inspirada nos princípios da racionalidade. A verdade deve ser racional. A realidade deve ter uma explicação racional. O pensamento e a ação humana devem ser conduzidos em nome da racionalidade. A própria dimensão religiosa no homem só será válida se tiver o aval da razão. A existência de Deus não é uma exigência imposta, mas uma conclusão da razão.

A maturidade do homem consiste em atingir o mais alto grau de racionalidade. Na área social o cidadão é julgado enquanto está de posse da razão. A educação traduz-se pelo domínio da razão sobre os sentimentos e sobre as paixões. O homem da razão se opõe ao homem do coração e da fantasia. O mundo da razão exige um homem do cálculo, da análise imparcial, do pensamento científico, da ação técnica. Objetividade e imparcialidade devem ser as molas mestras da racionalidade humana.

Por isso é nas ciências que a razão desenvolve todo seu potencial de controle e de dominação. Todo conhecimento deve passar pelo raciocínio lógico racional. É a razão humana munida de métodos lógicos que consegue ler e interpretar o grande livro da natureza. O coração desvia o homem do verdadeiro saber. Portanto, é pela razão que o homem constroi todo saber válido e verdadeiro. É pela razão que o homem consegue fazer justiça. Guiado pela razão, e só pela razão, torna-se possível o verdadeiro progresso.

O sistema de significações imposto pela razão fundou a ordem do mundo em princípios lógico-matemáticos, construiu a ciência e esta-

beleceu a civilização da ciência e da tecnologia. Pensar racionalmente é construir ciência, agir racionalmente é trabalhar em vista de objetivos bem determinados.

### 3. O MUNDO DO TRABALHO

Falar em mundo do trabalho significa dizer que o trabalho se torna o parâmetro fundamental para julgar o homem e todas as suas manifestações. Hoje nós vivemos no mundo do trabalho, o que vale dizer que tudo é visto a partir do trabalho. O trabalho define o modo de ser do homem. A racionalidade do homem deve ser entendida no trabalho, seja físico ou mental. É pelo trabalho que o homem constrói o mundo e a si mesmo. O homem passa a ser o homem trabalhador - Homo Faber. Trabalhar significa produzir.

O trabalho deixou de ser um castigo ou um dever do homem para se tornar um direito de todo homem. Antes, o homem sentia-se condenado a trabalhar. No mundo do trabalho, o homem exige seu direito de trabalhar e proclama sua condição de trabalhador. O trabalho não é mais desumanização, mas o verdadeiro processo de humanização. O trabalho foi colocado como a manifestação do poder criador.

Mas o mundo do trabalho parece não ter sido a solução para a realização humana. O homem acaba se tornando escravo do trabalho. Acontece que trabalhar não significa mais a ação criadora do homem, mas uma ação produtora. O trabalho não é mais o homem realizado, mas o homem realizando tarefas em função de outros objetivos. Mais uma vez, aquilo que parecia dar ao homem a compreensão de sua condição humana, acabou se transformando, talvez, no maior processo de desumanização. O homem criou uma ilusão e uma máscara, pois coloca-se o trabalho como a força de realização pessoal, mas o que realmente tem valor é o lucro do trabalho. Assim o homem continua numa escravidão mascarada. O trabalho produtivo tornou-se uma neurose epidêmica, segundo a expressão de LORENZ (1986), de tal maneira que a ambição pelo acúmulo do dinheiro faz o homem trabalhar mais arduamente do que o escravo do mais cruel senhor.

O produto do trabalho em lugar de significar o humano da obra, transforma-se em mercadoria. A própria força de trabalho é tratada no mercado de trabalho. O trabalho entra no jogo da oferta e da procura. E o trabalhador habituou-se a procurar trabalhos de acordo

com o maior índice de salário. A satisfação de trabalhar não está vinculada ao tipo de trabalho, mas à recompensa econômica. Trabalhar não exige mais um esforço criativo, mas a simples execução de tarefas e movimentos preestabelecidos dentro dos princípios de mecânica. Trabalhador não é mais um inventor, um artesão, isto é, um que faz arte, mas um executor.

As atividades humanas passam, assim, a ser classificadas em áreas profissionalizantes conforme o sistema de produção. A identidade do homem passa a ser vinculada ao trabalho. Ele perde o nome para assumir o rótulo coletivo do trabalho: mecânico, secretária, professor, médico, pedreiro e assim por diante. O seu valor está na proporção, não da satisfação pessoal, mas do rendimento.

No mundo do trabalho todo indivíduo adquire status social conforme o tipo de trabalho. Mas o primeiro passo para sentir-se humano é conseguir entrar na fase produtiva. Assim para os jovens, em especial das classes menos privilegiadas, torna-se um valor fundamental ter emprego, não tanto pelo trabalho, mas pelo dinheiro que se consegue. A sociedade, no fundo, coloca como o ideal humano manter-se por mais tempo possível na fase produtiva. Portanto, é fundamental antecipar a fase produtiva e alongá-la ao máximo. O homem que aos 80 anos ainda consegue ser um trabalhador produtivo, torna-se um exemplo, um semi-herói. A mulher, em suas lutas de emancipação, acabou vendo no trabalho empresarial um espaço para realizar-se. Competir em igualdade de condições com o homem em todos os tipos de trabalho, parece tornar-se uma bandeira cada vez mais desfraldada pela mulher. A antiga rainha do lar, no mundo do trabalho, foi transformada em rainha da fábrica, da oficina, do escritório ou das empresas.

A reflexão sobre o sentido do humano começa a questionar profundamente o mundo do trabalho. O trabalho lucrativo parece ter embrutecido o homem. A ambição tornou-se a religião do homem do trabalho. A sociedade industrial reduziu o trabalhador a um anônimo no meio da multidão de trabalhadores e completamente desvinculado do resultado final de sua obra. A identidade do trabalhador ficou escondida atrás da gravata, do avental ou do macacão. Trabalhar voltou a ser um pesadelo para o homem. Qual o sentido do trabalho? O homem é um inventor ou uma máquina, pior, uma pequena engenhagem?

Está na hora de buscar outras alternativas que escapem da ideologia do trabalho.

#### 4. O MUNDO DO BRINQUEDO

Por que voltar a pensar no brinquedo? Pode-se, num mundo do trabalho produtivo, falar em brincar? Haverá um momento na vida do homem racional, destinado ao brinquedo? Tudo parece indicar que brincar não faz parte do mundo da ciência e da técnica e, também, foge dos modelos do pensamento racional e dos parâmetros do trabalho. Mas na medida em que o humano está sendo ameaçado pela racionalidade científica e tecnológica, as perspectivas do lúdico podem tornar-se uma tábua de salvação.

Quando falamos em brincar três coisas surgem facilmente em nossa mente. A primeira refere-se à criança, a segunda ao trabalho e a terceira a uma atitude pouco séria. Ninguém põe em dúvida que brincar, não só faz parte da vida da criança, mas é a própria criança. Quando olhamos para a criança e quando escutamos seus raciocínios ou observamos seus comportamentos, podemos notar que toda sua vida é iluminada pelo lúdico. Brinquedo e criança são duas coisas inseparáveis. Uma criança normal brinca. Uma criança que não brinca é considerada patológica. Infelizmente o homem adulto, do negócio e do trabalho, acabou se aproveitando desta dimensão lúdica da criança. Explorando essa ludicidade da criança, o adulto a induz, com artifícios, a adotar os valores do adulto.

A astúcia do adulto começa pela produção de brinquedos que a introduzem no mundo do trabalho e das funções do adulto. Por isto, o brinquedo tornou-se uma atividade proibida no mundo do trabalho. O brinquedo da criança é tolerado apenas até chegar à fase produtiva. Brincar em serviço é um crime, ou no mínimo, uma atividade infantil. Acontece que o trabalho tem sempre um objetivo bem definido. O brinquedo, ao contrário, é livre e espontâneo. O trabalho tem regras pré-fixadas. O brinquedo está sob o controle total de quem brinca. O trabalho tem horário de começar e de acabar. O brinquedo não se preocupa nem com o começo e nem com o fim. Começa quando se quer e acaba da mesma maneira como começou. O trabalho tem tarefas fixas. O brinquedo possibilita funções alternativas. Agora eu posso ser o índio, depois posso ser o mocinho. Por isto que brincar e

trabalhar possuem dois sentidos opostos. No mundo do trabalho o brinquedo pode ser visto sob a ótica do trabalho. Por isto vemos o esporte transformado em verdadeiro trabalho assalariado. Ser jogador, hoje, é ser um trabalhador. O trabalho do jogador tem a mesma ótica do trabalho do trabalhador. Desta forma, o jogo vestiu um brinquedo com a roupagem do trabalho. A ludicidade deste jogo acabou. E jogar acabou sendo uma maneira de trabalhar.

O brinquedo ficou reduzido, no mundo do trabalho, como uma atitude não séria. Fazer uma brincadeira significa não levar a questão ou o trabalho a sério. Brincar com alguém pode significar uma atitude de desconsideração. Acontece que o homem que brinca é espontâneo, não usa máscaras, não precisa de apresentações, nem de rituais. O homem que brinca mostra-se todo transparente. Talvez seja dentro desta perspectiva que se possa entender a nudez do jogador grego. O homem racional, ao contrário, usa uniforme, ele é aquele que pensa, que pesquisa e que trabalha com metas e objetivos preestabelecidos. Ele não perde tempo.

Diante disto, o mundo do trabalho e o homem racional confinaram o brinquedo ao mundo infantil. Somente a criança tem, como concessão especial, o direito de brincar. Mas assim mesmo, o homem adulto não deixa mais a criança brincar criativamente. A indústria dos brinquedos transformou a criança em utente, ela usa brinquedos, brincar deixou de ser um ato criador. Os brinquedos de plástico e eletrônicos já definiram as funções dos mesmos. No brinquedo criativo, a criança e o adulto distribuem os papéis, as funções conforme suas fantasias. O artefato industrial que chamamos de brinquedo não passa de um utensílio, tipo eletrodoméstico, para treinar as crianças nas funções da vida adulta. A boneca torna-se um bebê que chora, que faz xixi, etc. Os caminhões ou autoramas exigem habilidade para bitolá-los, mesmo que seja com controle-remoto. Os minicomputadores, os vídeo-games e tantos outros inventos acabam com a criatividade lúdica, mas garantem a disciplina na execução de tarefas. O mundo do brinquedo foi transformado numa miniatura do mundo do trabalho da sociedade industrial. E poucos vêem nisto um crime contra o comportamento lúdico. Na maioria dos casos, ficamos encantados e aplaudimos.

Brincar é uma atividade lúdica criativa. No brinquedo entra em

ação a fantasia. O indivíduo, criança ou adulto, ao brincar transforma a realidade, cria personagens e mundos de ilusão, coloca-se diante do risco, do imprevisto, do suspense. Não há necessidade do resultado a alcançar. Existe apenas expectativas. Pode dar certo como pode dar errado. Uma vez o resultado tentado vai aparecer, não se sabe quando. É este o dinamismo do lúdico. Quando desaparecem as possibilidades múltiplas acaba o encanto de brincar. Mas quando nós queremos um resultado determinado, devemos desconfiar que já estamos contaminados pelo sentido do trabalho. O jogo em busca exclusivamente da vitória, mais se parece com trabalho produtivo, do que com o brinquedo.

O brincar não pode ser identificado com determinadas atividades, mas sim entendido como uma atitude, uma mentalidade ou uma intencionalidade. A ludicidade é uma dimensão humana que alegra ao perceber outras possibilidades de ver as coisas, ou de tratá-las. Por isto, o homem trabalhador e racional tem dificuldades, ou até pode estar impossibilitado, de brincar.

O brinquedo caracteriza-se ainda pela presença do outro. Brincar é estar junto com o outro. É sentir o gesto, o olhar, o calor do companheiro. O brinquedo aproxima as pessoas, as torna amigas porque brincar significa sentir-se feliz. O brinquedo não é confronto e nem conflito. É só observarmos os animaizinhos quando brincam. Tudo é fazer de conta. Ninguém morde ninguém. Tudo é simulação. Brincar torna-se sinônimo de paz, de harmonia e de alegria.

Por que o homem não poderia voltar a pensar o sentido de humano inspirado nos princípios ou na criatividade do comportamento lúdico? Por que somos obrigados a entender o brinquedo a partir do trabalho? É possível inverter, isso é, podemos pensar o trabalho sob a ótica do brinquedo. Sem dúvida a rentabilidade, a cientificidade e a tecnologia não seriam valores fundamentais. Mas se o ideal do homem é a felicidade, onde ela pode ser realizada, num mundo de trabalho ou num mundo do brinquedo? A resposta cabe a cada um de nós.

##### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

- 2 CASTORIADIS, Cornélius. L'Institution Imaginaire de la Société. Paris, Seuil, 1975.
- 3 LEROI-GOURHAN, André. O gesto e a palavra. Lisboa, Edições 70, 1964.
- 4 LORENZ, Konrad. Des abbau des menschlichen. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- 5 RAPPAPORT, Roy A. Natureza, Cultura e Sociedade. S.n.t.

Recebido para publicação em: 5/7/88.

ERRATA: KINESIS, VOLUME 3, Nº 1 - PP. 77-85 - 1987.

"ESTUDO COMPARATIVO DO TEMPO DE REAÇÃO VISUO-MANUAL SIMPLES EM PRATICANTES DE ESPORTES"

AUTORES: SOARES, J.; OSORIO, L.A. & PALAFOX, G.H.

OS AUTORES SOLICITAM CORREÇÃO DOS SEGUINTE VALORES:

P. 81 - VALORES DE F, ABAIXO DA TABELA 1, ONDE SE LÊ

\*F<sub>2,7</sub> = 3,44 P < .05 E \*\*F<sub>2,84</sub> = 6,15 P < .05, LEIA-SE:

\*F<sub>2,60</sub> = 3,44 P < .05 E \*\*F<sub>3,47</sub> = 6,15 P < .05.